

O Filho do Homem no Judaísmo e Cristianismo

Dr. José Roberto Cristofani¹

RESUMO

O tema “Filho do Homem” tem sido estudado a partir do uso que os Evangelhos, em geral, fazem desta expressão. Esse fato tem sua explicação, em parte, na renovada atenção que tem sido dada à chamada questão do Jesus Histórico. Mas é necessário perguntar importância do uso da expressão “Filho do Homem” fora do Novo Testamento. Sem dúvida, a pergunta pelo ponto de partida que deve ser dirigida aos estudos neotestamentários sobre o “Filho do Homem” deve ser dirigida tanto aos estudos da literatura do Antigo Testamento quanto da Literatura Pseudepígrafa.

PALAVRAS-CHAVE

Filho do Homem, Antigo Testamento, Literatura Apocalíptica e Pseudepígrafa.

ABSTRACT

The subject matter “Son of Man” has been studied from the point of view of the use of this term in the New Testament, a fact that is related to the Historical Jesus Research. Therefore, it is necessary to study the occurrence of the term Son of Man outside the New Testament. No doubt, the question about the point of departure in New Testament

¹ José Roberto Cristofani é doutor em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo – RS).

Scholarship on Son of Man must be done both in Old Testament and Pseudepigrapha Literature.

KEY-WORDS

Son of Man, Old Testament, Apocalyptic and Pseudepigrapha Literature.

Preliminares

A questão da figura do “Filho do Homem”, invariavelmente, tem sido estudada a partir do Novo Testamento, isto é, do uso que os Evangelhos, o mais das vezes, fazem da expressão. Esse fato tem sua explicação, em parte, na renovada atenção que tem sido dada à assim chamada questão do Jesus Histórico.

Há certamente um ganho significativo no atual debate sobre Jesus e, conseqüentemente, também acerca do Filho do Homem.

Todavia, como os estudos têm como ponto de partidas as ocorrências neotestamentárias da expressão “Filho do Homem”, a busca, em geral, tem se concentrado na origem, na natureza, na identidade, e na função dessa figura. Conquanto sejam perguntas inquestionavelmente pertinentes e próprias aos objetivos dos estudiosos que as propõem, é necessário perguntar pela sua importância no estudo da expressão “Filho do Homem” nos textos em que ela ocorre fora do Novo Testamento.

Na verdade, é preciso formular uma pergunta anterior a essas. É fundamental inquirir pelo método de abordagem dos textos antes de qualquer coisa.

Se por um lado a pergunta pelo ponto de partida deve ser dirigida aos estudos neotestamentários a respeito do “Filho do Homem”, é fora de dúvida, por outro lado, que a mesma questão deve, de igual forma, ser direcionada para os estudos da literatura tanto antigo-testamentária quanto da pseudoepígrafa sobre o mesmo tema, pois, em parte, não apenas as mesmas questões que permeiam os estudos dos biblistas neotestamentários (origem, natureza, identidade e função), de certo modo, se repetem nos estudiosos vétero-testamentários, como também o método utilizado pelos primeiros é similar ao usado pelos segundos.

Os estudos acerca da expressão “Filho do Homem” privilegiam certo nivelamento dos textos, tratando-os de maneira quase indistinta em seus aspectos literários, culturais, ideológicos e teológicos. Favorecem, via de regra, a impressão de que os textos abarcados são todos da mesma natureza e se prestam ao crivo do mesmo método. Isso resulta, numa uniformização das fontes e, segundo, numa generalização de perguntas formuladas a diferentes textos.

Diante dessa problemática é necessário, então, categorizar as fontes e redirecionar as perguntas para um enfoque mais adequado à natureza mesma da cada fonte.

Assim, estas anotações pretendem ser as preliminares para uma pesquisa ulterior sobre o uso da expressão “Filho do Homem” no judaísmo do primeiro século da era cristã. Pretendem, na verdade, formular questões específicas sobre as experiências religiosas subjacentes aos textos e inquirir pelo imaginário que os modelou.

Introdução

A literatura judaica dos primórdios da era comum e do período imediatamente anterior a ela, utiliza a expressão “Filho do Homem” (FdH) para designar uma figura recorrente no imaginário e nos textos desse período. Testemunhos bem mais abundantes do uso dessa expressão podem ser encontrados na literatura cristã do primeiro século A.D.

Assim, o objetivo deste ensaio é demonstrar que a apropriação e uso da figura do “Filho do Homem” (FdH) pelo Judaísmo e pelo Cristianismo remonta, naquela que lhe é comum, à visão relatada em Daniel 7. De modo geral, na história da transmissão dessa tradição, a figura do FdH experimentou várias e distintas configurações, pois, ambos, o Judaísmo e o Cristianismo, ampliaram, e muito, as características encontradas na visão de Daniel acerca do FdH, dando a figura em questão contornos que até então não haviam sido atribuídos a ela. Entretanto, é possível destacar alguns elementos comuns da figura do FdH em todas as testemunhas literárias que dela se utilizaram.

O procedimento metodológico adotado para esse propósito é a análise e comparação de textos, relevando os seus respectivos con-

textos, isso porque se pretende uma leitura temática, isto é, diacrônica. A seleção dos textos para esta empresa, portanto, obedece aos seguintes critérios: 1) que o texto utilize a expressão ou figura do FdH ou alguma outra expressão similar e equivalente; 2) que o texto tenha sido produzido em torno do primeiro século da era comum; 3) que o texto tenha se originado em círculos judaicos ou cristãos; 4) que o texto tenha caráter apocalíptico ou que tematize o final dos tempos; e 5) que o texto faça referência/alusão a Daniel 7 de forma direta, citando ou aludindo ao mesmo tempo, ou que contenha aspectos relativos ao juízo final.

Observando os quesitos acima foram selecionados os seguintes textos para análise: do Judaísmo: Daniel 7; I Enoch 37-71; e 4 Esdras 13. Do Cristianismo: Ditos de Q, Sinóticos e Apocalipse de João. É preciso salientar que a abordagem desses textos recebe, na medida do possível, um tratamento cronológico.

Judaísmo

O Livro de Daniel

O livro de Daniel, como se encontra na Bíblia Hebraica, é composto de 12 capítulos, não contendo. Portanto, os acréscimos² que aparecem na LXX, a versão grega do Antigo Testamento.

Levando-se em conta o critério formal da língua, pode-se dividir o livro de Daniel em duas grandes partes. A primeira compreende os capítulos 2.4b-7.28, escritos em aramaico, ao passo que a segunda é composta dos capítulos 1.1-2.4a e 8.1-12.13, redigidos em hebraico. Contudo, esta divisão não pode ser sustentada se se levar em conta o Gênero Literário em que esses capítulos se apresentam, pois, os capítulos 1 a 6 são “Histórias da Corte”, enquanto que os capítulos 7 a 12

² Os acréscimos são os seguintes: “Oração de Azaris” e o “Cântico dos três varões” na fornalha, que compreendem o cap. 3.24-90; “Susana” (cap. 13) e “Bel e o Dragão” (cap.14). Cf A. Bentzen. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol. II. São Paulo: ASTE, 1968, p. 258-260.

se compõem de “Visões”. Isto por si só já levanta muitos problemas, como por exemplo, a pergunta pela unidade do livro e por sua composição.

Data

O livro de Daniel deve ser datado no período macabaico³. A favor dessa data mais tardia para a composição de Daniel podem ser alistados os seguintes e mais importantes argumentos: Primeiro, a conhecimento do autor sobre o segundo século a.C. é bem mais preciso e detalhado do que o conhecimento que ele tem do período babilônico e persa, o que transparece nas imprecisões históricas nos dados sobre esses dois impérios e na riqueza de detalhes nos trechos que tratam do período grego. Segundo, as visões dos caps. 8-12 têm como elemento central a figura de Antíoco IV, o que demonstra que a preocupação central do autor é com a carreira desse monarca, que viveu no segundo século a.C. Terceiro, o empréstimo de palavras estrangeiras, sobretudo de três termos gregos que designam instrumentos musicais em Daniel 3:5, vocábulos esses que dificultem poderiam ser de época anterior à conquista de Alexandre Magno.

Todavia, pode-se precisar ainda mais a data da composição do livro. Com base no capítulo 11, a erudição tem colocado como *terminus a quo* o ano 167 a.C e como *terminus ad quem* o ano de 164 a.C⁴. Os argumentos⁵ para sustentar essas datas provêm do próprio texto bíblico e são os seguintes: O livro conhece, entre outras coisas, a carreira de Antíoco IV em ricos detalhes (11.21-39): a prescrição contra a prática do judaísmo (11.28-30), a profanação do templo (11.31), e a perseguição

³ Entre eles K. Koch, J.J. Collins, J.A Montgomery, L.F Hartman – A.A. Di Lella, N.W. Porteous, O. Plöger, H.H, Rowley, M. Noth, H.de Wit, B. Marconcini, A. Bentzen, G. Von Rad, N.K. Gottwald, E. Sellin – G. Fohrer.

⁴ A. Bentzen, *op. cit.*

⁵ N. K. Gottwald. **Introdução Sócio-Literária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 547; Wit. Hans de Daniel. Santiago; REHUE, 1990, p. 14-15; B. Marconcini. **Daniel**. São Paulo: Paulinas, 1984, pp. 74-77; E. Sellin & G.Fohrer. **Introdução ao Antigo Testamento**. Vol. II. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 722-723.

implacável contra setores do judaísmo (11.33-34). Entretanto, o texto desconhece dois acontecimentos importantes: a morte de Antíoco IV em Abril de 163 a.C- a referência feita a esse fato no texto não coincide com a realidade histórica – e a rededicação do templo, em Dezembro de 164 a.C., à qual nenhuma referência é feita.

É possível, portanto, com base nas evidências internas, pressupor um processo de composição do livro de Daniel que se estenderá do século III a.C até o século II a.C. período mais primitivo teriam sido recolhidas as assim chamadas “Histórias da Corte” (caps. 2-6), que eram conhecidas de alguma forma. No período mais tardio teriam sido acrescentados os capítulos 1 e 7-12. Tal período compreenderia, mas exatamente, a época do domínio de Antíoco IV. Para isso parece apontar, sobretudo, Daniel 11.

Daniel 7

O capítulo 7 de Daniel, marcadamente apocalíptico, faz a transição da primeira para a segunda parte do livro de Daniel. Esse capítulo é a última porção do livro vazada em aramaico, o que o liga aos capítulos anteriores (capítulos 1-6), e contém a primeira visão que inicia a segunda parte do livro de Daniel (capítulos 7-12).

Daniel 7 pode ser dividido, *grosso modo*, em cinco partes emolduradas por uma introdução e uma conclusão. A primeira parte é a visão dos quatro animais que surgem do mar e ocupa os versículos 2-14; a segunda parte, versículos 15-16^a, pode ser considerada como um interlúdio entre a visão geral e a interpretação geral da mesma pelo anjo intérprete, interpretação que se estende do verso 16b a 18 e constitui a terceira parte; a quarta parte (versículos 19-22) é a repartição resumida e modificada da visão do quarto animal. A modificação fica por conta de quem recebe a *realeza*. Em seguida vem a interpretação do quarto animal, que ocupa os versículos 23 a 27. A moldura inicial do texto, versículo 1, abre a narrativa se referindo a Daniel, o visionário, em terceira pessoa. A moldura final, verso 28, fecha o capítulo repetindo uma expressão de perplexidade semelhantes a que aparece no versículo 15. Essa estrutura pode ser vista seguinte esquema:

Introdução (v.1)
 Visão Geral (vv.2-14)
 Interlúdio (vv.15-16a)
 Interpretação Geral (vv.16b-18)
 Visão/Interpretação do Quarto Animal (vv.19-22)
 Interpretação do Quarto Animal (vv.23-27)
 Conclusão (v.28).

Aos propósitos desta pesquisa interessam, de modo particular, a visão do quarto animal (vv. 7-14 e vv. 19-22) e sua interpretação (vv.23-27), pois nelas se encontram os elementos que serão destacados na análise do texto.

No quarto abaixo o texto pode ser visualizado da seguinte maneira:

Visão do 4º Animal	Visão/Interpretação do 4º Animal	Interpretação do 4º Animal
<p>⁷ Após isso, eu via nas visões da noite, e eis um quarto Animal, assustador, terrificante, extremamente vigoroso ele tinha monstruosos dentes de ferro; ele comia, rasgava e pisoteava o resto com os pés; diferia de todos os outros animais que o precederam, e tinha dez chifres.⁸Eu examinava os chifres, e eis entre eles se elevou um outro, pequeno chifre foram arrancados três dos chifres precedentes diante dele. E sobre esse chifre havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que proferia coisas monstruosas.</p>	<p>¹⁹ Então eu quis dar certeza a meu coração do significado do quarto Animal, que era diferente de todos e muito assustador, tinha dentes de ferro e garras de bronze, comia, estraçalhava e pisoteava o restante com pés.²⁰ e a respeito dos dez chifres que ele tinha na cabeça, depois do outro que se tinha elevado e diante do qual três tinham caído: esse chifre tinha olhos e boca que proferia coisas monstruosas, e seu aspecto era maior do que o de seus congêneres;²¹ eu via, e esse chifre fazia guerra aos Santos e os vencia,</p>	<p>²³ Ele me falou assim: “ Quanto ao quarto Animal: um quarto reino virá sobre a terra, que será diferente de todos os reinos, devorará toda a terra, pisoteará e estraçalhará.²⁴ E quanto aos dez chifres: desse reino se levantarão dez reis; depois um outro se levantará após eles. Será diferente dos anteriores; ele abaterá três reis.²⁵ proferirá palavras contra o Altíssimo e molestará os Santos do Altíssimo ele proferirá mudar o calendário e a Lei, e os Santos serão entregues em sua mão por um período, dois períodos e meio período.</p>

⁹ Eu via, quando tronos foram instalados e um Ancião se assentou: sua veste era branca como a neve, a cabeleira de sua cabeça, como lã limpa seu trono era de chamas de fogo, com rodas de fogo ardente. ¹⁰ Um rio de fogo escorria e saía de diante dele. Mil milhares o serviam; dez mil miríades estavam diante dele. O tribunal tornou assento, e livros foram abertos.

¹¹ Eu via: então por causa das palavras monstruosas que o chifre proferia; eu olhava; quando o Animal foi morto e seu corpo abatido, e foi entregue à calma do fogo. ¹² Quanto ao restante dos Animais, fez-se cesar sua soberania e um prolongamento de vida lhes foi dado até uma data e um momento determinados.

¹³ Eu via, nas visões da noite, e eis que com as nuvens do céu vinha um como Filho de Homem ele chegou até o Ancião, e o fizeram aproximar da sua presença.

¹⁴ E lhe foi dada soberania, glória e realeza: as pessoas de todos os povos, nações e línguas o serviam. Sua soberania é uma soberania eterna, que não passará, e sua realeza, uma realeza que jamais será destruída.

²² até que viesse o Ancião

e o julgamento fosse dado em favor dos Santos do Altíssimo, e que chegasse o tempo.

e os Santos possuem a realeza.

²⁶ A seguir o tribunal se reunirá em sessão.

e se fará cessar a soberania dele, para aniquilá-lo e fazê-lo perecer definitivamente.

²⁷ Quanto à realeza, à soberania e à grandeza de todos os reinos que há debaixo de todos os céus, elas foram dadas ao povo dos Santos do Altíssimo: Sua realeza é uma realeza eterna; todas as soberanias o servirão e a ele obedecerão” .

A primeira parte do texto traz a visão dos quatros animais. O primeiro era como um leão com asas de águia, o segundo semelhante a um urso, o terceiro como um leopardo com asas de ave e quatro cabeças e o quarto era terrível, com dentes de ferro e dez chifres, dos quais nasceu um outro pequeno chifre, com olhos e boca a proferir insolências contra o Altíssimo. Ato contínuo, o vidente vê uma cena de tribunal, presidido pelo Ancião de Dias assentado em seu trono e com livros abertos diante de si. Entrementes, *um como o Filho do Homem*, vindo com as nuvens, achega-se ao Ancião de Dias e recebe o domínio sobre todos os reinos.

Após a interpretação geral da visão, o texto detém-se, de maneira enfática, no quarto animal, que é novamente descrito pelo visionário e imediatamente interpretado pelo anjo como um reino terreno e seus sucessores. O tribunal assenta-se para tirar o domínio desse reino e destruí-lo, e então entregar a majestade dos reinos ao povo dos santos do Altíssimo, ao qual os demais reinos servirão.

A visão e sua interpretação têm uma correspondência bastante similar, por exemplo: O quarto animal é apresentado diante do tribunal, é morto e destruído pelo fogo. Similarmente, o quarto reino é julgado, destituído do poder e destruído. Tanto na visão quanto na interpretação o tribunal é presidido pelo Ancião de Dias que tem autoridade de fazer justiça retirando do animal (= reino) o domínio e o entregando a outrem. Porém, é notável a diferença entre quem recebe o domínio na visão e quem o recebe na interpretação. Na visão o domínio é dado a *um como o Filho do Homem*, enquanto que na interpretação o mesmo é entregue ao povo *dos santos do Altíssimo*.

Martins Noth⁶ mostrou que Daniel 7 contém dois estratos de redação, um primeiro que compreendia os “santos do Altíssimo” como seres celestiais e um segundo que os entendia como seres terrenos, identificando, assim, esse grupo como o Filho do Homem. Dessa tese derivou a noção de que a figura do Filho do Homem já era conhecida, de alguma forma, pelo redator do capítulo.

Disso resultou a compreensão, quase consensual, de que o Filho do Homem mencionado em Daniel 7 era para ser compreendido como

⁶ The Holy Ones of the Most High, pp. 215 ss.

uma figura, angélica ou terrena, que podia representar o povo de Israel ou um mediador entre o Ancião de Deus e o povo.

Sendo assim, a interpretação da visão data em Daniel 7.16b-27 faz desse texto a primeira tradição na história da interpretação da visão do FdH.

Visto que a expressão que aparece no verso 13 (בְּרִמְיָא – *bar 'enash* – Filho do Homem) literalmente significa “um homem” no sentido de um representante do gênero humano, podendo ser traduzida por filho da humanidade ou simplesmente por um homem, a interpretação estaria dentro da mesma lógica ao ler o FdH como um legítimos representante do gênero humano e daí interpretá-lo como o povo do Altíssimo.

Contudo, a diferença entre a visão e a interpretação concernente a esse detalhe não seria tão marcante se não fosse o fato de que o um como Filho do Homem veio com as nuvens do céu, o que parece indicar que lhe é atribuído um caráter sobrenatural, aparentemente angélico, aspecto esse que não se vê na expressão povo dos santos do Altíssimo.

Ademais, nota-se que na visão o FdH aproxima-se à presença do Ancião de Dias. Esse fato coloca o FdH dentro da cena de julgamento como um participante ativo do séquito celeste que, investido em tribunal, tem a função de julgar, condenar e aniquilar os animais. Na interpretação das visões, todavia, o povo dos Santos do Altíssimo, só entra em cena para receber o domínio das mãos do tribunal. Isso sugere que o povo do Altíssimo, aparentemente, não se desempenha nenhum papel no julgamento dos reinos em questão.

Assim, a diferença mais saliente entre a visão e a interpretação da mesma está no fato de que o FdH, que surge com as nuvens do céu, presente na visão sequer é mencionado na interpretação, sendo substituído pelo povo dos Santos do Altíssimo somente na recepção da realeza e soberania.

Disso resulta que a figura do FdH recebeu, já nos primórdios de sua transmissão, uma interpretação distinta da visão na qual tinha um caráter celeste, sendo substituído por um equivalente terreno.

Essa distinção entre o FdH celeste, como aparece na visão, e a compreensão dessa figura como um agente terreno, como pode ser visto na interpretação em Daniel 7.19-27, marcou todo o desenvolvimento ulterior do uso da expressão ou figura do FdH no Judaísmo e Cristia-

nismo em torno do primeiro século da era comum, que oscilou entre as duas opções.

Portanto, tendo feito essa distinção é importante que se considere Daniel 7.2-14 como o ponto de partida para todo o posterior desenrolar da tradição FdH. Assim, alguns aspectos presentes na visão devem ser observados com maior atenção.

Primeiramente, nota-se que o texto em questão menciona os “tronos” (v.9). Esse motivo pertence à chamada “visão do trono”⁷. Segundo M. Black há um padrão similar nas ocorrências desta forma literária, que se constitui dos seguintes elementos: a visão de Deus assentado no trono celestial, o comissionamento de um profeta ou vidente, e a transferência de autoridade para alguém.⁸

Seguindo esse padrão, Daniel 7.9-14 apresenta os tronos e um Ancião se assenta em seu trono flamejante rodeado por um cortejo de seres celestiais. Entrementes, *um como Filho do Homem* (v.13) se apresenta diante do Ancião de Dias e recebe *a soberania glória e realeza* (v.14) sem suma, toda a autoridade do Ancião é transferida para o FdH.

Ademais, é preciso notar que na visão os *tronos são instalados* (v. 9) em tribunal para julgar o quarto animal (= reino). Isto pode ser constatado pela interpretação da visão v. 26 que diz: *A seguir o tribunal se reunirá em sessão...* Pode-se, então, frisar o caráter judicial da presença do FdH nessa visão. Mesmo não havendo referência a qualquer função judicial do FdH no tribunal, não parece apressado inferir que ao receber a autoridade das mãos ao Ancião. O FdH assume o papel de juiz e governante de uma dada soberania. Em outras palavras, o FdH passa a ocupar a posição reservada ao Ancião que preside o tribunal.

Por outro lado, a figura do FdH surgindo *com as nuvens do céu* (v.13) parece sugerir que, além de ter um caráter celestial, o FdH é pré-existente. Apesar de nada ser dito a esse respeito, nada impede de que se interprete o texto nessa direção.

Portanto, a conclusão mais imediata e óbvia a que se pede chegar é a de que a visão FdH de Daniel 7 requer que o texto seja lido numa

⁷ Klaus Berger. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, pp. 259-260.

⁸ M. Black. *The Messianism of the Parables of Enoch*, pp. 150-151.

perspectiva escatológica antes que histórica como parece ter pretendido a primeira interpretação da visão no mesmo capítulo 7 de Daniel.

Em suma, Daniel 7 é composto de dois estratos, a visão e a interpretação da mesma. Para se chegar à compreensão da figura do FdH é necessário analisar os dois estratos de maneira mais ou menos independente, priorizando a visão e entendendo a interpretação de forma secundária.

Assim, é possível perceber que o FdH é um ser celestial e pré existente que participa do tribunal escatológico como co-adjutor do Ancião de Dias, de quem recebe toda a autoridade sobre todas as soberanias.

1 Enoch 31-71

O que se pode designar de *Corpus Enochi* é composto de três obras: *1 Enoch*, conhecido como *Enoch Etíope*; *2 Enoch*, intitulado também de *O Livro dos Segredos de Enoque* e *3 Enoque – sefer Hekalot*, também chamado de *Livro Hebraico de Enoch*.

Dessa literatura, interessa, aos propósitos desta comunicação, o *1 Enoch*, particularmente, o assim chamado Livro das Similitudes que compreendem os capítulos 37-71, pois nele encontra-se a expressão **Filho do Homem**.

O Livro

O livro de 1 Enoque, na versão etíope, é composto de cinco partes:

Livro dos Vigilantes – Capítulos 1-36

Livro das Similitudes ou Parábolas – Capítulos 37-71

Livro Astronômico – Capítulos 72-82

Livro dos Sonhos – Capítulo 83-90

Carta de Enoch – Capítulos 91-107

Há um capítulo complementar (108) que parece ser um acréscimo tardio ao livro.

Um breve sumário de cada parte do livro dará uma visão global dos conteúdos.

Livro dos Vigilantes – Capítulo 1-36

Estes capítulos tratam da queda e do castigo dos seres angélicos denominados de Vigilantes e a intervenção de Enoch na história deles. Baseado na menção de Gêneses 6.2 de que “ Os filhos de Deus, que eram juntos, viram as filhas dos homens, e as tomaram por mulheres” , o autor explica a origem do pecado e do mal no mundo.

Livro das Similitudes ou Parábolas – Capítulos 37-71

Este livro consiste de três “Similitudes” ou “ Parábolas” . A primeira descreve os segredos dos céus, dando proeminência às horas hostes angélicas e seus príncipes. A segunda trata do Messias, e é o tema mais saliente nesta parte do livro. A influência de Daniel é facilmente percebida aqui, mas a figura do Messias é esboçada muito mais completamente e sem igual na literatura pré-cristã. O Eleito ou Filho do Homem, existiu antes da criação do sol e das estrelas, e tem como tarefa trazer o juízo sobre todos os pecadores que oprimem os bons. Esse juízo terá lugar na ressurreição e julgamento finais e o Filho do Homem retribuirá cada um segundo suas ações. A iniquidade será banida da terra e o reinado do Messias será perpétuo. A terceira similitude descreve a felicidade reservada para o justo; o grande julgamento e os segredos da natureza. Ao longo do Livro das Similitudes o autor detalha a origem de pecado, atribuindo a satã.

Livro Astronômico – Capítulo 72-82

Este livro apresenta revelações relativas aos movimentos dos corpos celestes, dadas a Enoch pelo anjo Uriel.

Livro dos Sonhos – Capítulos 83-90

Este livro contém duas visões. Na primeira, é retratado um dilúvio sobre a terra. Enoch suplica a Deus eu não aniquile a raça humana. A seção seguintes, sob o influxo do simbolismo animal (gado, feras e pássaros), esboça o desenrolar histórico de Israel, desde Adão até o reino Messiânico.

Carta de Enoch – Capítulo 91-107

Esta parte final contém um visão profética dos eventos do mundo em semanas, centrado em Israel. Há insistência no conflito acirrado entre os justos da nação e seus oponentes, dentro e fora de Israel. Os justos triunfam e matam seus opressores em um Reno Messiânico sem um Messias pessoal. No fim acontece o julgamento final que inaugura uma vida de imortalidade para os justos no céu.

Para os pecadores restará o Sheol de escuridão e fogo.

Desse Corpus interessa, particularmente, o assim chamado Livro das Similitudes que compreende os capítulos 37-71, pois nele encontra-se a expressão “Filho do Homem” (FdH).

Data

Há acordo geral que 1 Enoch, como se encontra no idioma etíope, é produto de uma longa e controvertida transmissão, visto que cada uma das partes que o compõe se pode datar em um período que se estenderia dos inícios do segundo século antes da era comum, senão antes, até o final do primeiro séculos da era comum⁹. Assim, se deveria, a medida do possível, estabelecer a data de cada livro individualmente.

R.H. Charles datou o *Corpus Enochi* antes da era comum e atribuiu a caa parte a seguinte datação: Livro dos Vigilantes (1-36), a parte mais antiga, teria sido composta antes de 170; Livro dos Sonhos (83-90) teria sido escrito entre 166-161; Carta de Enoch (91-104) entre os anos 134-95; Livros das Similitudes (37-71) entre 94-96 e Livro Astronômico (72-82) numa data determinada.

A crítica reconhece que se pode encontrar interpolações espalhadas aqui e acolá, especialmente o Livro de Noé.

⁹ Por exemplo: Craig A. Evans, *Noncanonical Writings and New Testament Interpretation*, (1992) p. 23: “The materials in 1 Enoch range in date from 200 B.C.E to 50 C.E”.

Ao propósito desta pesquisa interessa datar, particularmente, o Livro II – As Similitudes (37-71), pois neles, e somente nele, ocorre a expressão “Filho do Homem”.

Data das Similitudes (37-71)

A descoberta de fragmentos aramaicos de Enoch, em Qumram, por Jazef T. Milik¹⁰, marcou um reviravolta na pesquisa de 1 Enoch. Foram encontrados vários excertos do livro. Contudo, nenhuma linha das Similitudes foi achada. Essa significativa ausência de fragmentos do Livro das Similitudes levou Milik a propor uma data bastante tardia (pós-cristã), para as Similitudes, posição questionada por vários *scholars* no Seminário de Pseudepígrafa de Tubingen¹¹.

Propôs-se, então, uma data no primeiro século da era comum, em torno do ano 50 ou por volta do final do mesmo século¹². Essa data é aqui adotada.

Isso resultou numa pergunta crucial acerca do desenvolvimento das tradições de Enoch e, especialmente, a respeito da relação dessas tradições com o Novo Testamento. Teriam as Similitudes influenciado o Novo Testamento, mormente a Cristologia neotestamentária, ou ao contrário, as Similitudes dependeriam do Novo Testamento?

Pelo seu caráter pouco cristão, O Livro das Similitudes pouco dependeria do Novo Testamento, pois seria inconcebível, para um cristão, falar do “Eleito, do “Messias” ou do “Filho do Homem” e não associá-los a Jesus. Esse argumento, entretanto, não anularia o fato de que tanto as Similitudes quanto ao Novo Testamento parecem ter se apropriado, de formas distintas e com propósitos diversos, da expressão “Filho do Homem”, corrente, certamente, já no primeiro século da era comum.

¹⁰ MILIK, J. T. **The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumram Cave 4**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

¹¹ J. H. Charlesworth, NTS 25, 1979, p. 315-323; M.A. Knibb, *The Date of the Parables of Enoch: A critical review*, NTS 25, 1979, p. 345-359; C.L. Mearns, *Dating the Similitudes of Enoch*, NTS 25, 1979, p. 360-369.

¹² E. Isaac, 1 (*Ethiopic Apocalypse of*) Enoch. In: James H. Charlesworth (ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vol. I, pp. 6-7.

Sendo correta a datação das Similitudes por volta do último quarto do século primeiro, ter-se-ia, então, outra tradição, judaica no caso, a respeito do “Filho do Homem”. Tradição essa que fornecia, juntamente com a tradição de Daniel acerca do “Filho do Homem”, os dados para uma comparação com o Novo Testamento, principalmente com os sinóticos, das convergências, ou não, de estruturas de experiência religiosa e de mentalidade.

Filho do Homem nas Similitudes¹³

A expressão “Filho do Homem” ocorre dezessete vezes nas Similitudes ¹⁴, assim distribuídas: Na segunda Similitude, que compreende os capítulos 45 a 57 ocorre quatro vezes, na terceira Similitude, que vai do capítulo 58 até o capítulo 69, encontra-se nove vezes; na conclusão do livro, capítulos 70 e 71, acha-se três outras. Na visão introdutória, no capítulo 37 e na primeira Similitude, capítulo 38 a 44, não se encontra a expressão. Há, ainda, uma outra ocorrência da expressão Filho do Homem em 60:10, mas aplicada a Noé.

Segunda Similitude (45-57)

Das quatro ocorrências da expressão na segunda Similitude, três encontram-se no capítulo 46.2,3 e 4.

¹³ O texto adotado em português é o de H.F.D. Sparks. **Apócrifos do Antigo Testamento**. Fortaleza: Nova Jerusalém, 1999, traduzido e adaptado por C. M. de Tillesse. Onde se fez necessário outra tradução, esta é indicada.

¹⁴ Na versão etíope a locução foi traduzida por três expressões distintas: 1. “Filho do Homem” (46:2,3,4 e 48:2); 2. “Filho do Varão” (62:5;69:29 2x e 71:14) e 3. “Filho da prole da mãe dos vivos” (62:7,9,14;63:11;69:26,27;70:1 e 71:17). Com base nos manuscritos gregos, afirma-se que as três locuções utilizadas no idioma etíope traduzem a expressão (ho huio tou anthropou). Cf. H.F. D. Sparks (ed). **The Apocryphal Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1984. Também Federico Corriente y Antonio Piñero, *Livro 1 Enoch (Etiópico y griego)*. In: Alejandro Diez Macho. **Apócrifos Del Antigo Testamento**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984. Tomo IV – Ciclo de Henoc, pp. 29-30 e Tomo I, p. 233.

6:1 *Vi lá um Ancião. Sua cabeça era branca como lã. A seu lado, havia outro personagem, cuja aparência era como um homem, mas seu rosto estava cheio de graça, como um dos santos anjos. 2. Perguntei a um dos santos anjos, que me acompanhava e me mostrava todos os segredos, a respeito desse **filho de homem**, quem era ele quem, donde vinha, e por que acompanhava o Ancião. 3. Respondeu-me: Este é o **filho do homem**, que é justo e que habita com justiça; revelará todos os tesouros daquilo que é segredo, porque o Senhor dos Espíritos o escolheu e o seu destino ultrapassou a todos pela sua justiça perante o Senhor dos Espíritos para sempre. 4. Esse **filho de homem** que viste fará se levantaram os reis e os poderosos de seus lugares de repouso e os fortes de seus tronos. Soltará o cinco dos fortes e quebrará os dentes dos pecadores. 6. Fará baixar a cabeça dos fortes; ficarão com vergonha; a escuridão será suas moradas e os vermes seus lugares de repouso, sem esperança de se levantar de seus lugares de repouso, porque não exaltaram o nome do Senhor dos Espíritos.*

No texto Enoch pergunta quem era o Filho do Homem, donde vinha e por que acompanhava o Ancião (v.2). A resposta do anjo diz quem é o Filho do Homem: justo, habita com a justiça e foi escolhido pelo Senhor dos Espíritos. O anjo alista, também, as funções do Filho do Homem: Revelará os segredos (v.3), fará levantar os reis e poderosos de seus tronos, derrubará os reis (v.5) e fará baixar a cabeça dos poderosos.

A outra ocorrência nesta segunda Similitude aparece em 48.1:

48.1 *Nesse lugar, vi a inexaurível fonte da justiça, rodeada por várias fontes de sabedoria. Todos os sedentos bebiam delas e ficavam cheios de sabedoria e suas moradas eram com os justos, santos e eleitos. 2. Nesse momento, o nome desse **filho de homem** foi pronunciado na presença do Senhor dos Espíritos e seu nome foi pronunciado perante o Ancião. 3. Antes da criação do sol e das constelações, antes que as estrelas do céu fossem feitas, seu nome foi pronunciado perante o Senhor dos Espíritos.*

Essa passagem tematiza a preexistência do Filho do Homem, afirmando que o nome (= pessoa) fora pronunciado antes da criação do sol e das estrelas.

Esse conjunto tem elementos temáticos e expressões tomadas de Daniel 7, tanto da visão quanto da interpretação da visão. A fusão dessas duas partes de Daniel 7 cria uma nova e bem mais desenvolvida caracterização da tradição da figura do FdH que é ampliada e ganha novos contornos.

Os elementos que provêm da visão de Daniel 7.2-14 podem ser ordenados da seguinte maneira: 1. a figura de um Ancião (46.1) sentado em um trono, os livros abertos e sua corte perante ele (47.3); 2. o Filho do Homem em companhia do Ancião (46.1-2); 3. ao FdH é dado um reino (46.5). Os elementos que estão calcados na interpretação da visão de Daniel 7.16b-27 são os seguintes: 1. um anjo interpreta para o visionário a visão (46.2); 2. os reis que proferem insolências contra o Altíssimo e perseguem os santos (46.4-8); 3. a destruição desses inimigos no julgamento final (48.8-10;53.2,5); 4. a sorte dos justos é mudada (50.1).

Nessa Similitude há uma ampla re-elaboração da figura FdH em relação a Daniel 7. A expansão pode ser vista nos seguintes aspectos: O FdH 1. é textualmente designado de Eleito (45.3,4; 49.2,4; 52.6; 53.6 e 55.4); 2. é identificado como Messias (48.10;52.4); 3. é chamado de Justo (47.1,4; 53.6); 4. é revelador dos segredos (46.3); 5. é o vingador dos justos sendo ele mesmo o maior em justiça (46.2; 48.7); 6. é o destruidor dos inimigos do povo de Deus (46.4ss); 7. tem o seu nome pronunciado diante do Senhor dos Espíritos e do Ancião antes da criação (48.2;3,6); 8. é o apoio dos justos, luz das nações e esperança dos aflitos (48.4); 9. é juiz no julgamento (49.4;5.3;55.4).

Terceira Similitude (58-69)

A maior parte das ocorrências da expressão Filho do Homem encontra-se na terceira Similitude, nove das dezessete vezes. Quatro no capítulo 62.5,7,9 e 14.

62.5 A metade deles olhará para os outros e ficarão apavorados, baixarão a cabeça e a dor tomará contra deles, quanto verão **filho de homem** sentado no seu trono glorioso. 6. Os reis poderosos e todos que possuem a terra louvarão, abençoarão e exaltarão aquele que rege todas coisas escondidas. 7. Pois, desde o início o **filho de**

homem estava escondido, o Altíssimo reservou na presença de seu poder e o revelou somente aos eleitos. 8. A comunidade dos santos e dos eleitos será semeada, e todos os eleitos ficarão de pé na presença dele nesse dia. 9. Todos os reis poderosos, os grandes e os que regem o solo árido, cairão no rosto e o adorarão. Colocarão sua esperança nesse **filho de homem**, suplicá-lo-ão e pedir-lhe-ão misericórdia [...] 13. Os justos e eleitos salvos nesse dia e nunca mais verão a face dos pecadores e iníquos. 14. O Senhor dos Espíritos permanecerá sobre eles e com esse **filho de homem** morarão, comerão, se deitarão e levantarão para todo o sempre.

No início do capítulo o Filho do Homem é identificado com o Eleito e a palavra é dirigida aos reis e aos poderosos. Ao verem o Filho do Homem assentado no seu trono glorioso, cairão de rosto em terra, o louvarão e lhe suplicarão misericórdia (vv.5,6,9), pois verão aquele que estava escondido aos seus olhos. Quanto aos justos, habitarão para sempre com o Filho do Homem.

Uma vez encontra-se a expressão em 63.11

63.11 Depois disso, suas faces serão saturadas de trevas e de vergonha perante esse **filho de homem**. Serão arrastados longe dele e a espada ficará sobre eles na presença dele. 12. Assim fala o Senhor dos Espíritos: Tal é a lei e o julgamento para os poderosos, os reis dos poderosos e por aqueles que possuem o solo árido, perante o Senhor dos Espíritos.

Novamente são mencionados os reis e poderosos (v.1) e como ficarão envergonhados na presença do Filho do Homem por ocasião do julgamento (vv.11-12).

Quatro outras vezes a expressão aparece no fim da terceira Similitude, isto é, no capítulo 69.26,27 e 29 (2x).

69.26 Tiveram uma grande alegria, abençoaram, louvaram e exaltaram porque o nome desse **filho de homem** lhes foi revelado. 27. Sentou-se no seu trono glorioso e julgamento inteiro foi entregue ao **filho de homem**: fará desaparecer os pecadores e os destruirá da face da terra. 28. Aqueles que seduziram o mun-

do serão acorrentados e jogados no lugar de concentração e de destruição e suas obras desaparecerão da face da terra. 29. Dora-vante, não haverá mais corrupção, porque esse **filho de homem** apareceu e foi entronizado no seu trono glorioso; todo o mal desaparecerá de sua presença e a palavra desse **filho de homem** será forte perante o Senhor dos Espíritos. Esta foi a terceira pa-rábola de Henoque.

A cena do julgamento final tem como protagonistas os anjos que revelaram os segredos celestes aos homens (68:2). No princípio eles ti-veram grande alegria por terem conhecido o nome do Filho do Homem, contudo, no julgamento, presidido pelo Filho do Homem, cada um re-ceberá a paga conforme suas obras. Finalmente o Filho do Homem do-minará e nenhuma corrupção haverá.

Nesse trecho é possível constatar vários elementos que vinculam 1 Enoch a Daniel 7, por exemplo, o Ancião sentado no trono com milha-res de anjos ao seu redor (60.1,2), o fato de o visionário ter desfaleci-do (60.3). Especificamente, em relação ao FdH, nota-se que 1. aparece sentado em seu trono glorioso (62.5); 2. estava escondido desde o início dos tempos pelo Altíssimo e foi revelado aos justos (62.7) e seu nome foi revelado aos anjos (69.26); 3. os poderosos lhe suplicarão miseri-córdia (62.9) e os pecadores serão envergonhados perante ele (63.11); 4. os justos viverão com ele (62.14); 5. o julgamento foi entregue a ele, no qual destrói os pecadores (69.27); 6. após o julgamento é entroni-zado em seu trono glorioso (69.29); 7. finalmente ele permanece na presença do Senhor dos Espíritos (69.29).

Conclusão do Livro (70-71)

As três últimas ocorrências acham-se nos capítulos finais do livro. Uma em 70:1:

70.1 Depois disso, quando ainda vivia, seu nome foi elevado dentre os que vivem no solo árido, para a presença desse **filho de homem** e na presença do Senhor dos Espíritos. Ele foi arrebatado nos carros do espírito e seu nome desapareceu de entre eles. 3. A partir des-se dia, não foi mais contado entre eles, ele me colocou entre dois

ventos, entre o (vento) do norte de e o (vento) ocidental, lá onde os anjos tomaram cordas para medir para mim o lugar dos justos e dos eleitos. 4. Lá vai os patriarcas e os justos que desde o início do mundo moram naquele lugar.

O vidente é levado à presença do Filho do Homem, numa possível alusão a Gênesis 5:24 onde se menciona que Deus tomou Enoch para si. As últimas duas em 71:14 e 17:

71.14 Esse anjo veio a mim, me saudou em com sua voz e disse: Tu és o **filho de homem** nascido na justiça, a justiça permanece sobre ti e a justiça do Ancião não te abandonará. 15. Disse-me: Ele te proclama paz em nome do mundo que há de vir, pois é daqui que procede a paz desde a criação do mundo e assim terás para sempre e para todo o sempre. 16. Todos seguirão teu caminho e a justiça nunca de abandonará. Habitarão contigo, contigo terão seu lote, e nunca se separarão de ti, para todo o sempre. 17. E assim haverá longos dias com este **filho de homem**. Os justos terão paz e um caminho reto no nome do Senhor dos Espíritos para todo o sempre.

O visionário é elevado à presença do FdH (70.1); Enoch é identificado como o FdH (71.14); os justos permanecerão com o FdH por longos dias (71.17).

Essa avaliação das evidências provê o seguinte e ilustrativo quadro:

1. O FdH está em companhia do Ancião;
2. ao Fdh é dado um reino;
3. o FdH é designado de Eleito, Justo e Messias;
4. é o revelador dos segredos;
5. é o vingador dos justos;
6. é pré-existente;
7. é o juiz que preside o julgamento final;
8. está no seu trono glorioso;
9. é identificado em Enoch (!).

Conclusão

Na mesma linha de Daniel 7, a figura do Filho do Homem que sobressai em 1 Enoch é um ser celestial investido de autoridade de juiz que preside, no céu, o grande julgamento que retribuirá os ímpios que oprimem os justos. Isso significa, primeiramente, que a tradição acerca do Filho do Homem foi apropriada pelo livro de 1 Enoch num sentido bastante próximo daquele que se pode verificar no livro de Daniel.

4 Esdras

O que hoje se conhece pela designação de 4 Esdras compreende, na verdade, os capítulos 3 a 14 de 2 Esdras, um escrito judaico preservado em várias versões, sendo que a principal encontra-se em latim e foi incorporada como apêndice à Vulgata.

O livro é um escrito Judaico com possíveis interpolações cristãs. Especificamente no capítulo 13, onde aparece a figura do FdH, nenhuma interpolação cristã pode ser constatada. Isso sugere que as concepções que aparecem nesse capítulo podem ser considerada genuinamente judaica.

A obra como um todo se insere dentro da corrente messiânica do judaísmo dando um enfoque próprio a essa questão, enfoque bem diverso daquele do judaísmo corrente na época.

Um rápido panorama do livro ajuda a compreender o tema do mesmo. Sete visões compõem 4 Esdras e estão assim destruídas:

- Primeira Visão (Capítulos 3.1-5.19)
- Segunda Visão (Capítulos 5.20-6.34)
- Terceira Visão (Capítulos 6.35-9.25)
- Quarta Visão (Capítulos 9.26-10.59)
- Quinta Visão (Capítulos 11.1-12-50)
- Sexta Visão (Capítulos 13.1-58)
- Sétima Visão (Capítulos 14.1-48)

As três primeiras visões tornam forma de diálogos entre o vidente e um anjo. São diálogos que vão sendo retomados e ampliados como

círculos concêntricos que aparecem na face de um lago quando se atira uma pedra. Na primeira visão Esdras faz um apanhado da história da humanidade e tece considerações sobre o fracasso dos homens em obter a salvação. A segunda visão é uma recapitulação das questões apresentadas na visão anterior. Porém, Esdras dirige o foco para a dispersão de Sião. Novamente o anjo argumenta que a mente humana é limitada e o vidente não pode compreender a mente ilimitada de Deus. A terceira visão retoma as duas primeiras, amplia e aprofunda a discussão lavando o diálogo à revelação dos tempos messiânicos, direcionando o assunto para o fim escatológico da história universal.

A quarta visão trata de forma específica de Sião e da Jerusalém Celeste. As calamidades que se abatem sobre a cidade santa causaram muito sofrimento a muitos, mas a Esdras é dito “... sacode tua imensa tristeza, esquece tuas grandes dores, para que o poderoso possa ter misericórdia para contigo novamente e que o Altíssimo possa te dar repouso e alívio na perturbação” (10.24).

Segue-se a visão de Jerusalém Celeste como fator consolador para o vidente que passa a ter a função de consolador do povo por ter recebido essas revelações.

A quinta visão pode ser denominada de “visão da águia”, pois tem como elemento central uma águia. O texto em questão retoma a visão dos animais de Daniel 7 e reinterpreta o quarto animal reino de forma diferente que Daniel (A Águia que viste levantar do mar é o quarto reino que apareceu na visão de teu irmão Daniel. Mas ela não foi explicada como eu t’á interpreto hoje ou como a interpretei.” 12.11-12). A nova interpretação da visão de Daniel 7 aponta para a conclusão de que a águia é uma referência clara a Roma e seus imperadores que terão suas iniquidades denunciadas e julgadas pelo Messias (12.32).

A sexta visão introduz um novo personagem na trama, designado de “... algo como a figura de um homem...” (13.3). Por se tratar do texto chave para a análise do Filho do Homem, esta visão será detalhada mais adiante.

Na sétima e última visão, que encerra o livro, Esdras é comissionado para levar essas palavras ao povo, “...admoesta teu povo, consola os humildes instrui os sábios.” (14-13). Assim como lhe foi ordenado, assim ele procedeu.

Data

O versículo de abertura de 4 Esdras apresenta a data do “Trigésimo ano da ruína da cidade...” (3.1) e localiza o vidente na Babilônia. Porém, como argumenta Collins¹⁵, essa data e lugar não são para ser visto literalmente, mas ao contrário, apontam para a situação de destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 A.D. Essa conclusão se impõe à base dos capítulos 11 e 12 (Visão da Águia) que se referem, sem sombra de dúvidas, ao Império Romano e seus imperadores. Isso significa que o livro de 4 Esdras pode ser datado das últimas décadas do século I A.D.

4 Esdras 13¹⁶

Seguindo os critérios alistados no início deste trabalho, o capítulo 13 de 4 Esdras é o que mais se adequa aos propósitos desta análise, pois ele: 1) usa uma expressão similar e equivalente a FdH; 2) foi produzido em torno do primeiro século da era comum; 3) se originou em círculos judaicos; 4) tem caráter apocalíptico e tematiza o final dos tempos; e 5) faz referência/alusão da Daniel 7 de forma direta e contém aspectos relativos ao juízo final.

A visão de 4 Esdras 13 pode ser estruturada como segue:

Visão (vv.1-13^a)

Interlúdio (vv.13b-21)

Interpretação Inicial (vv.22-24)

Interpretação da Visão (vv.25-56).

Conclusão (vv.57-58).

A visão ocupa os primeiros treze versículos do texto. Nela, Esdras tem um sonho no qual vê um como a figura de um homem que enfrenta um ajuntamento de multidão disposta a travar uma batalha com ele. Ao ser atacado o personagem destrói a multidão com labaredas de fogo,

¹⁵ **The Apocalyptic Imagination**, p. 156.

¹⁶ Tradução do autor baseada em SPARKS, Hedley Frederick Davis (ed). **The Apocryphal Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1984.

sopro flamejante e uma tempestade de faísca, nada sobrando senão cinzas e fumaça. No final da visão uma outra multidão, esta pacífica, se aproxima à figura de homem.

O texto prossegue com um interlúdio no qual o vidente pede a Deus Altíssimo que revele a interpretação da visão/sonho e o que acontecerá nos últimos dias. A resposta do Altíssimo vem em forma de interpretação.

A partir do verso 25 é dada, em detalhes, a interpretação da visão. O homem que vistes surgir do coração do mar é interpretado como um agente sobrenatural e pré-existente a quem será dado o domínio da criação. Logo em seguida este ser é dominado de Filho do Altíssimo (v.32) que será revelado em meio aos conflitos que antecederão o final dos tempos e a revelação do mesmo. A montanha que fora cortada sem auxílio de mãos, significa o Monte Sião sobre o qual o Filho se levantará e julgará as nações e restaurará as dez tribos de Israel. Ainda, no final da interpretação Esdras insiste no significado de homem ter emergido do coração dos mar. A resposta é que como ninguém conhece os segredos das profundezas do mar, ninguém, de igual forma pode saber nada sobre o Filho, a não ser no momento próprio no qual será revelado.

A leitura do texto (visão e interpretação) pode ajudar o leitor a acompanhar melhor o raciocínio.

Visão	Interpretação
<p>1 Depois de sete dias sonhei um sonho á noite; 2 e eis que, em vento surgia do mar e incitava a todas as suas ondas. 3 E olhei, e eis, este vento feito algo como a figura de um homem saía do coração do mar. E olhei, e eis, que o homem voava com as nuvens de céu; e para onde quer que vive sua face para olhar, tudo sob seu olhar tremia, 4 e sempre que sua voz saía de sua boca, todos que ouviam a sua voz derretiam como fundições de cera quando sente o fogo. 5 Depois disso olhei, e eis, uma multidão inumerável de homens foi reunida dos quatro ventos de céu para fazer guerra contra o homem que saiu do</p>	<p>25 Esta é a interpretação da visão: Como, pois, viste um homem surgir do coração do mar, 26 este é quem o Altíssimo tem mantido por muitas eras, a quem Ele mesmo entregará sua criação; e ele guiara aqueles que são deixados. 27 E como você viu o vento e fogo e uma tempestade que saíam da boca dele, 28 e como não tomou uma lança ou sua arma de guerra, e ainda destruindo a multidão impetuosa que o veio conquistar, esta é a interpretação: 29 Eis, que dias virão quando o Altíssimo entregará esses que estão na terra. 30 E confusão de mente virá sobre esses que habitam sobre a terra. 31 E eles planejarão fazer guerra um</p>

mar. 6 e olhei, e eis, ele cortou para si uma grande montanha, e voou para cima dela. 7 e tentei ver a região ou o lugar do qual a montanha foi cortada, mas não pude. 8 Depois disto olhei, e eis, todos que tinham se reunido contra ele, para empreender guerra contra ele, tinham muito medo, contudo ousaram lutar. 9 E eis, quando ele viu o ímpeto da multidão se aproximando, ele nem ergueu sua mão nem tomou uma lança ou qualquer arma de guerra; 10 mas só vi como ele lançou de sua boca algo como uma labareda de fogo, e dos seus lábios um sopro flamejante, e de sua língua lançou uma tempestade de faíscas.

11 Todos esses foram misturador, a labareda de fogo e o sopro flamejante e a grande tempestade, e caiu sobre a impetuosa multidão que estava preparada para lutar, e a queimou toda, de forma que de repente nada foi visto da multidão inumerável mas só o pó de cinzas e o cheiro de fumaça. Quando eu vi isto, fiquei pasmo. 12 Depois disto vi o mesmo homem vindo abaixo da montanha e chamou a si outra multidão que era pacífica. 13^a Então muitas pessoas vieram a ele, alguns que estavam jubilosos e alguns tristes; alguns deles saltavam, e alguns estavam trazendo outros como ofertas.

Interlúdio

13b Então em grande medo despertei; e supliquei ao Altíssimo, e disse, 14 “Desde o princípio tu tens mostrado ao teu servo estas maravilhas, e tens me considerado merecedor de ter minha oração ouvida por ti; 15 agora me mostre, também, a interpretação deste sonho. 16 Para que eu considere em minha mente, ai daqueles que serão deixados nesses dias! E ainda mais, ai daqueles que não

contra o outro, cidade outra cidade, lugar contra lugar, povo contra povo, e reino por reino. 32 E quando estas coisas se passarem e os sinais que lhe mostrei antes acontecerem, então meu Filho será revelado, aquele a quem você viu como um homem que surge do mar. 33 E quando todas as nações ouvirem a voz dele, todo homem deixará sua própria terra e a guerra que eles fazem um contra o outro: 34 e uma multidão inumerável será reunida, como você viu, desejando vir e o conquistar.

35 Mas ele se levantará no topo de Montes Sião. 36 E Sião virá e se fará manifesto a todos os povos, preparado e construído, como você viu a montanha cortada sem mãos.

37 E ele, meu Filho, reprovará as nações reunidas por sua pecaminosidade (isto foi simbolizado pela tempestade), 38 e as reprovará face aos seus maus pensamentos e os tormentos com quem elas serão torturadas (que foram simbolizados pelas chamas), e as destruirá sem esforço pela lei (que foi simbolizado pelo fogo). 39 E como você viu juntar-se a ele com outra multidão que era pacífica, 40 esta é as dez tribos que foram levadas longe da sua própria terra em cativeiro nos dias do Rei Oséias, a quem Shalmanasar o rei dos assírios conduziu cativo; ele os levou pelo rio, e eles foram levados para outra terra. 41 Mas eles formaram este plano para eles, que deixariam a multidão das nações e iriam para uma região mais distante, onde a humanidade nunca tinha vivido. 42 que lá pelos menos ele poderiam manter seus estatutos que eles não tinham mantido em sua própria terra. 43 E eles entraram pelas passagens estreitas do rio Eufrates. 44 Por aquele tempo o Altíssimo executou os sinais para eles, e parou os canais do rio até que eles tivessem atravessado. 45 Através daquela região havia um longo caminho para andar,

serão deixados! 17 Para aqueles que não serão deixados será triste, 18 porque eles entendem o que está reservado para os últimos dias, mas não podem alcançar isto. 19 Mas aí também daqueles que serão deixados, e pela mesma razão! Porque eles verão grandes perigos e muito se afligirão, e como este espetáculo de sonhos. 20 Contudo, é melhor nestas coisas, mesmo correndo perigo, do que passar do mundo como uma nuvem, e não ver o que acontecerá nos últimos dias”. Ele me respondeu e disse, 21 “ eu lhe direi a interpretação da visão, e também explicarei a você as coisas que mencionou

Interpretação inicial

22 Acerca do que você disse sobre esses que serão deixados, esta é a interpretação: 23 Ele que traz o perigo naquele momento, ele mesmo protegerá aqueles que estão em perigo que têm obras e têm fé no Todo-Poderoso. 24 Entende então que esses que são deixados são mais abençoados do que aqueles que morreram.

uma viagem de um ano e meio; e aquele país é chamado Arzareth. 46 “Então eles habitaram lá até os últimos tempos; e agora, quando eles estão a ponto de vir novamente, 47 o Altíssimo parará os canais do rio novamente, de forma que eles poderão atravessá-los. Então você viu a multidão reunida em paz. 48 Mas aqueles que são deixados do seu povo, que se encontram dentro de meus limiares santos serão salvos. 49 Então quando ele destruir a multidão das nações que estão reunidas, ele defenderá as pessoas que permanecem. 50 E então ele mostrará para eles muitas maravilhas”. 51 Eu disse, “O Deus soberano, explique-me isto: Por que eu vi o homem que surge do coração do mar”? 52 Ele me disse, “Da mesma maneira que ninguém pode explorar ou sabe o que está nas profundidades do mar, assim ninguém em terra pode ver o meu Filho ou aqueles que estão com ele, exceto no tempo do dia dele. 53 Esta é interpretação do sonho que você viu. E somente você foi esclarecido sobre isto. 54 porque você abandonou seus próprios modos e se aplicou a perscrutar, e procurou pesquisar minha lei; 55 pois você dedicou sua vida à sabedoria, e invocou a compreensão de sua mãe. 56 Então eu lhe mostrei isto, pois há uma recompensa depositada com o Altíssimo. E depois de mais três dias eu lhe contarei outras coisas, e explicarei assuntos pesados e maravilhosos a você”.

Conclusão

57 Então levantei e caminhei no campo, dando grande glória e louvor ao Altíssimo por causa de suas maravilhas que ele fez de tempo em tempo, 58 e porque ele governa o tempo e quaisquer coisas que aconteça em suas estações. E eu fiquei três dias lá.

Inicialmente é preciso notar que a expressão FdH não ocorre literalmente em 4 Esdras 13, senão uma expressão similar a essa algo como a figura de um homem (v.2). Entretanto, essa diferença não apresenta maiores problemas para concluir que se trata efetivamente de uma interpretação da mesma expressão que figura em Daniel 7. Para isso parece apontar todo o restante do texto sob análise que guarda um relação bastante próxima com a visão de Daniel 7. Revelante, neste caso, é o fato de que essa figura de um homem vem com as nuvens do céu (v.3), expressão indubitavelmente provinda do texto de Daniel. Outros elementos constantes em 4 Esdras 13 parecem remontar ao texto de Daniel, como por exemplo, o pedido de interpretação da visão por parte do visionário.

Também, pode-se dizer, que os motivos de “trono”, “tribunal” e “julgamento” figuram como os elementos mais próximos de Daniel 7. A palavra “trono” não é usada na narrativa de 4 Esdras 13, todavia, o Monte Sião (montanha cortada sem auxílio de mãos) pode ser tomado como o trono sobre o qual o Filho se assentará para julgar as nações. Tal proposta pode ser sustentada por uma bem estabelecida tradição veterotestamentária que tem Sião como o trono de justiça de Deus (Salmo 110.2; Jeremias 3.17; Lamentações 5.19). Semelhantemente, o vocábulo “tribunal” está ausente no texto, entretanto, a atividade judicial perpassa toda a extensão do texto, começando com a acusação e terminando como o pronunciamento da sentença contra as multidões ímpias.

Para reforçar a tese proposta acima é necessário considerar a passagem da visão anterior, isto é, 4 Esdras 12.31-39, principalmente, pois o contexto imediatamente anterior à visão do capítulo 13 utiliza uma linguagem explicitamente forense para caracterizar o leão = Messias (12.31-22) e sua função de juiz no tribunal, o que, sem dúvida, tem sua continuidade na figura celestial do capítulo subsequente. Eis o texto:

12.31 Quando o leão que viste se levantar da floresta rugindo, falando com a águia e censurando sua impiedade com todas as palavras que ouviste, 32. É o **Messias**, que o Altíssimo guardou até o fim dos tempos, e que levantar-se-á da posteridade de Davi. Virá e lhes falará; denunciárá suas impiedades e perversidades, e o con-

frontará com seus insultos. 33. Primeiramente fá-lo-á comparecer ainda que vivos perante o tribunal, e depois de os ter condenado, os destruirá.

Assim, comparando as duas visões e estabelecendo uma continuidade literária entre ambas, pode-se inferir que o Filho do capítulo 13 é visto ocupando a função de juiz universal que julgará, no fim dos tempos, todas as nações.

Disso resulta que 4 Esdras 13 depende de Daniel 7 nos vários aspectos apontados acima.

Entretanto, 4 Esdras dilata e modifica a tradição do FdH em relação da Daniel 7. Em Esdras o FdH está oculto por muitas eras, será revelado no seu dia, isto é, nos últimos tempos e receberá a criação (vv.25-26,32,46,52). É assinalado que ele é o Filho do Altíssimo (vv.32 e 52), e sua caracterização é feita com uma linguagem judicial (vv.10-11, 37-38), pois reunirá os povos em juízo, reprovará as nações e recompensará os escolhidos do Altíssimo (vv.33,37-38).

Cristianismo

Q e Sinóticos

É fato bem conhecido que a coleção de ditos Q e os Evangelhos sinóticos usam a expressão FdH em diversas passagens que podem ser agrupadas em três grupos. Num primeiro grupo pode-se colocar os ditos do FdH que ocorrem sempre nos lábios de Jesus e assumem uma conotação meramente referencial à sua existências terrena significando simplesmente um ser humano. Num segundo grupo, pode-se agrupar os ditos acerca do FdH que fazem referência ao sofrimento e morte de Jesus.

Finalmente, num terceiro grupo, pode-se alistar aquelas passagens que usam os ditos do FdH para ligar Jesus ao futuro escatológico. No quadro abaixo são alistadas algumas passagens dos três grupos para que se tenha uma idéia dessa classificação:

Grupo 1 – FdH como ser humano	Grupo 2 – FdH como sofredor	Grupo 3 – FdH como ser escatológico.
<p>Mas Jesus respondeu: As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça (Mateus 8.20)</p> <p>Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa. (Marcos 2.10-11).</p>	<p>Então começou ele a ensinar-lhe que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que depois de três dias ressuscitasse. (Marcos 8.31)</p> <p>Dizendo: É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite. (Lucas 9.22)</p>	<p>Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória (Mateus 25.31)</p> <p>Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu. (Marcos 14.62)</p>

Obviamente, para a finalidade deste trabalho, se aplicam os critérios mencionados no início deste texto. Contudo, o material disponível em Q e nos Sinóticos exige, ainda o acréscimo de um outro critério para a seleção dos textos, pois em algumas passagens a dependência de Daniel 7 é apenas provável. Desta forma, os ditos analisados a seguir são restritos àqueles que apresentam uma inegável referência da Daniel 7.

Coleção de Ditos Q

Na coleção de ditos Q há três importantes passagens que preenchem os quesitos de seleção a respeito do FdH, são elas: Lucas 17.24 (paralelo Mateus 24.27); Lucas 17.26 (paralelo Mateus 24.37) e Lucas 17.30 (paralelo Mateus 24.39). O quadro abaixo facilita a localização dos paralelos e seus respectivos contextos literários.

Lucas

a.24 porque assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma á outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.

17.26 Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem:

17.30 Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar.

Mateus

24.27 Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

24.37 Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem.

24.39 e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

A perícopre de Lucas 17.20-37 enquadra os ditos do FdH numa resposta de Jesus à pergunta dos fariseus sobre a vinda do Reino de Deus, pergunta que expressa, notadamente, uma preocupação apocalíptica vigente naquela época. Muito mais explícita quanto ao caráter futuro da vinda do FdH é o trecho de Mateus 24. Ambos os textos, portanto, localizam os ensinamentos acerca do FdH numa dimensão futura.

Todos os versículos alistados acima sublinham a imprevisibilidade da vinda do FdH. Além disso, Lucas 17.24//Mateus 24.27 destacam a procedência celestial do FdH ao comparar sua vinda a um fenômeno natural, o relâmpago. Já Lucas 17.26//Mateus 24.37 e Lucas 17.30//Mateus 17.30//Mateus 24.39 enfatizam, pela referência a Noé e ao dilúvio, o aspecto de juízo que terá lugar por ocasião da vinda do FdH, uma vez que o dilúvio anunciado por Noé foi uma forma de julgamento perpetrado por Deus.

Portanto, há que supor que Daniel 7 é aludido não só pelo uso da expressão FdH e sua vinda do céu, como também é evocado pelo viés do julgamento e conseqüente juízo, no qual o FdH exercerá alguma função, se de juiz ou promotor, não está claro.

Marcos

No Evangelho de Marcos duas ocorrências da expressão FdH são significativas: Marcos 8.38 e 14.62.

Marcos 8:38

Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhasr de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.

Marcos 14.62

Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu.

Se comparada com Mateus 10.33 e Lucas 9.26, a referência ao FdH em Marcos 8.38 pode ser posta sob suspeita no que diz respeito à utilização de Daniel 7, pois conquanto Lucas use a mesma expressão FdH para se referir a Jesus, Mateus não a utiliza, pelo contrário, prefere o discurso em primeira pessoa, o que pode surgir que Mateus não tenha entendido o dito como referência a Daniel 7.

Seja como for, Marcos 8.38 tem, além é claro da expressão FdH, a perspectiva de uma futura vinda dessa figura que cumpre uma função que pode ser entendida como algum tipo de mediador celeste na corte do pai com seus santos anjos, talvez alguém que tenha a função de advogar em favor de outros. Certamente que falta uma alusão mais clara a qualquer tipo de julgamento, permanece, todavia, a sugestão de que o FdH, num tempo futuro, exercerá uma função no tribunal no final dos tempos.

Marcos 14.62 encontra seus paralelos em Mateus 26.64 e Lucas 22.69. A diferença mais saliente entre Marcos e os outros dois evangelistas é que Marcos coloca a resposta de Jesus ao Sinédrio no futuro (vereis) ao passo que tanto Mateus quanto Lucas a colocam no presente (desde agora). Em relação a Marcos e Mateus, Lucas omite a frase “vindo com as nuvens do céu”.

A dependência de Daniel 7 em Marcos e Mateus é manifesta. O FdH vem com as nuvens do céu. Muito importante é a posição que ele ocupa assentado á direita do Todo-poderoso. Posição de autoridade. Importante, também, é o fato de que Marcos põe o dito num enfoque futuro aludindo claramente ao poder que esse FdH terá junto ao Todo-poderoso. Semelhante poder ter o FdH em Daniel 7 junto ao Ancião de Dias. Marcos parece sugerir, dessa maneira, que o FdH participará do julgamento no final dos tempos.

Mateus

De maneira geral, é em Mateus que se pode encontrar o maior número de referências ao FdH em contextos vinculados mais diretamente ao de Daniel 7. Eis os textos:

Mateus 13.41	Mateus 16.27	Mateus 16.28	Mateus 19.28	Mateus 25.31
Mandaré o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os praticam a iniquidade	Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.	Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.	Jesus lhe respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar aos doze tribos de Israel.	Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos e com ele, então, se assentará no trono da sua glória;

Mateus 13.41 é parte da interpretação (13.36-43) da parábola do joio (13.24-30). A interpretação coloca a parábola na perspectiva do juízo final (consumação do século v-39). Claramente o FdH realiza a função de juiz que destina os iníquos á ruína e retribui os justos com a participação no reino de seu Pai.

O mesmo tom de retribuição no final dos tempos pode ser visto em Mateus 16.27. Ligado ao discipulado, o dito funciona como uma garantia àqueles que optam pelo seguimento a Jesus. A esse dito, segue um enigmático logia (Mateus 16.28) que menciona a vinda do FdH no seu reino. Sua importância para esta análise é evidente.

O aspecto de julgamento e juízo é explícito em Mateus 19.28. Este texto se vincula a Mateus 16.27 por tratar das recompensas que os discípulos de Jesus terão por tê-lo seguido. Difere, porém, ao dizer que o FdH assentar-se-á em seu trono e os discípulos, da mesma forma, se assentarão para julgar as doze tribos de Israel.

Dentre as perícopes do Evangelho de Mateus, o capítulo 25.31-46 é, talvez, o que mais explícita e detalhadamente enfatiza o julgamento final. O FdH nitidamente é o juiz que preside o tribunal que julga os homens, ajuizando a cada um segundo suas obras. É preciso notar, também, que o FdH é visto em sua majestade, ele é o rei.

As ligações com Daniel 7 são estabelecidas, em todos os textos, pela menção da figura do FdH. Com exceção de Mateus 16.28, as outras passagens impressionam pelo elemento de julgamento e juízo, seja pela menção da retribuição seja pela cena mesma de julgamento que envolve, entre outros, os termos técnicos como, por exemplo: “trono”, “ajuntamento”, “julgar”. Em três deles (Mateus 13.41; 16.28 e 25.31) o vínculo com Daniel 7 se dá, também, pela posse do “reino” que o FdH detém. Há ainda a presença de anjos que parece sugerir a corte do Anção de Dias que se encontra na visão de Daniel 7.

Lucas

No evangelho segundo Lucas há três passagens que devem ser consideradas neste passo: 11.30; 12.8 e 21.36.

Lucas 11.30

Porque, assim como Jonas foi sinal para os minivitas, o Filho do Homem o será para esta geração.

Lucas 12.8

Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus.

Lucas 21.36

Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem.

Lucas 11.30 faz parte do trecho que compreender os versículos 29 a 32. Ao falar sobre o sinal pedido pela sua geração, Jesus diz que o FdH é o sina para ela, como Jonas o foi para a geração dele. No contexto é dito que no juízo a rainha do sul (v.31) e os ninivitas (v.32) se levantarão e condenarão esta geração. O texto conclui com a afirmação de Jesus que ele é o maior do que Jonas. O argumento da perícopes permite inferir que no juízo o FdH exercerá uma função, talvez de testemunha ou acusador contra sua geração.

Em Lucas 12.8 o dito a respeito FdH é tradicionalizado num perícopo acerca da hipocrisia dos fariseus. É dito que num futuro, quando todos de encontrarem antes os anjos de Deus, o FdH confessará, diante dos mesmos anjos, a todos os que o não tiverem negado em vida. Nota-se que a referência ao futuro e aos anjos provavelmente seja uma alusão à corte do tribunal celeste.

Quanto a Lucas 21.36 pode-se dizer que a frase estar em pé na presença do Filho do Homem possivelmente indique a presença diante do tribunal regido pelo FdH.

Marcos//Mateus//Lucas

Finalmente, é necessário considerar a passagem de Marcos 13.24-27 e seus paralelos encontrados em Mateus 24.29-31 e Lucas 21.25-28, que, por causa da importância fundamental que esses textos se revestem nesta discussão, são analisados juntos.

Marcos 13.24-27

24 Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, 25 as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. 26 Então, verão o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. **27 E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.**

Mateus 24.29-31

29 Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. 30 Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. 31 **E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.**

Lucas 21.25-28

25 Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; 26 haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. 27 Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. 28 Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima.

Os três sinóticos têm em comum o fato de tradicionalizar, com pequenas variações, o dito a respeito do FdH em contextos marcadamente apocalípticos. A dimensão futura dos eventos descritos permite deduzir facilmente que se está diante de uma interpretação inequívoca da figura do FdH de Daniel 7. Nos textos tal figura sobressai pela utilização do motivo da vinda do FdH com as nuvens do céu, demonstrando o caráter celestial da figura. Acrescenta-se, ainda, a expressão “com poder e glória” o que reveste a figura do FdH de suprema autoridade, preparando a narrativa, conseqüentemente, para sugerir um cenário de juízo que pode ser inferido de duas das três passagens, a saber, Marcos 13.27 e Mateus 24.31, que tematizam o envio dos anjos para ajuntar todos os escolhidos.

Da análise feita de Q e dos Sinóticos pode-se concluir a respeito da tradição do FdH que ela está sem sombras de dúvidas enraizada em Daniel 7. Mas as modificações e expansões que essa tradição recebeu se constituem na sua característica mais notável.

Em síntese é possível afirmar que as tradições evangélicas acerca do FdH respeitam os seguintes critérios.

1. citam textualmente a expressão FdH;
2. aludem às características de participante do juízo, como mediador ou como juiz;
3. tradicionalizam a expressão FdH em contextos alusivos ao futuro;
4. conservam o caráter celestial da figura FdH;
5. compreendem o FdH como portador de um reino;
6. aguardam sua aparição inesperada;
7. utilizam o motivo do “juízo final”;
8. mantêm a terminologia referente ao tribunal “trono”, “anjos”, “retribuição”, “ajuntamento”, “julgar”.

Apocalipse de João

O livro do Apocalipse pode ser tratado, com certo grau de certeza, do final do primeiro século da era comum. Seu gênero literário e sua origem nos meios cristãos o qualificam dentro dos critérios desta pesquisa para uma análise.

No Apocalipse encontram-se duas ocorrências da expressão FdH, uma no capítulo primeiro e uma no capítulo quatorze. Eis os textos:

Apocalipse 1.13-14

... e, no meio de candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. 14 A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo;

Apocalipse 14.14-16

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho do homem, tendo a cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. 15 Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu! 16 E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.

Apocalipse 1.13, para ser exato, utiliza a expressão um semelhante a filho do homem e não Filho do Homem. A dependência de Daniel 7 é relativamente clara, contudo, a caracterização dessa figura utiliza os atributos do Ancião de Dias sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve (verso 14a), atributos divinos, diga-se.

Apocalipse 14.14 tem mais elementos de Daniel 7. Além da expressão um semelhante a filho do homem, é dito que ele vem sentado numa nuvem branca. Ademais, o contexto dá a entender que se trata de um anjo, um ser celestial que tem a função de ceifar uma parcela da terra, ou seja, tem a função de exercer uma parte do juízo.

Quadro sinótico das Características do FdH

Características	Daniel	1 Enoch	4 Esdras	Evangelhos	Apocalipse
Ser celestial	x	x	x	----	x
Pré-existente	x	x	x	x (Jo3.13;6.62)	
Divino		x	x	x	
Vindo nas nuvens	x	----	x	----	x
Vingador dos justos (Messias)	x	x	----	Salvador (Lc 19.10)	
Juiz	x	x	x	x	
Sujeita poderes		Condena mal	----	(Mt 13.40; 25-41)	
Rei Universal		x	----	x	
Adorado		x	----	x	
Revelador		x	----	x (Jo3.12s)	
Filho de Deus			x	x (Lc 22.69s)	
Perdoa pecado (Mt 9.6; Mc 2.10)				x	

Avaliação dos dados

A partir da análise dos textos acima é possível traçar uma linha de desenvolvimento da tradição do FdH que tem seu ponto de partida na visão de Daniel 7 e se espraia desde a sua interpretação no mesmo capítulo de Daniel e alcança a literatura judaica cristã posterior. Tal desenvolvimento não se prende à simples referência à figura do FdH, quer por citação do texto de Daniel ou pela alusão ao mesmo, mas evoca e amplia os aspectos de mediador celestial participante do tribunal que tomará lugar no final dos tempos.

Gradativamente a figura do FdH vai tomando contornos cada vez mais específicos. De adjunto no tribunal do Ancião de Dias de Daniel 7 o FdH evolui para ser o próprio juiz no julgamento final como aparece nas Similitudes de 1 Enoch. Ali a figura do FdH ganha traços nitidamente divino-celestiais, como por exemplo, a sua pré-existência, a sua suprema autoridade e sua transformação em objeto de adoração.

Elementos divino-celestiais semelhantes aos que caracterizam o FdH em 1 Enoch podem ser encontrados em 4 Esdras 13. Exemplo é a sua pré-existência e o fato de estar oculto desde as eras primevas e ser revelado somente no fim dos tempos para assumir o papel de juiz no tribunal que julgará as nações e proferirá a sentença de condenação para os ímpios e fará justiça aos justos.

No mesmo compasso podem ser pautados os textos neotestamentários cujo diapasão comum afina a figura FdH com notas divino-celestiais similares as destacadas no judaísmo. Apesar de tal figura no cristianismo não soar uníssona, pois nem todas as passagens analisadas revelam uma função unívoca, no geral a figura do FdH é postulada com aspectos divino-celestiais que a ligam, de uma ou de outra forma, ao futuro final dos tempos, ocasião na qual terá lugar o julgamento final.

Dentre os elementos que compõem a figura do FdH nas tradições textuais analisadas destaque pode ser dado a um item em particular que é recorrente em todas elas, qual seja, a função de mediador celeste que o FdH exerce. Tal função assume características diversas que guardam relação direta com os contextos nos quais aparecem. Assim, as nuances devem ser atribuídas ao papel específico que a figura do FdH desempenha em cada cena em particular.

Conseqüentemente, na visão de Daniel 7 o FdH tem a função de co-adjutor celeste no tribunal do Ancião de Dias das mãos do qual recebe o reino eterno. Em contrapartida, no tribunal semelhante que consta do 1 Enoch ele assume a função precípua de dirigir o mesmo, atuando como o supremo juiz da corte julgadora. Distintas, mas vinculadas, as funções em ambos os textos apontam para uma compreensão comum de que o FdH teria um papel importante no juízo final. Se comparados com 4 Esdras 13, onde o FdH figura com a mesma função de responsável pela condução do julgamento, os textos de Daniel 7 e 1 Enoch ganham um colorido ainda mais forte, pois qualquer que tenha sido a direção que a tradição foi FdH tenha percorrido, 4 Esdras 13 corrobora para destacar o quão marcante para o judaísmo era o entendimento de que o FdH tinha, entre outras, a função de mediador celeste no juízo final.

A literatura cristã em foco neste trabalho aponta na mesma direção em que se desenvolve a figura do FdH no judaísmo. Diferenças óbvias entre uma e outra concepção podem ser apontadas, porém no tocante à função exercida pelo FdH tais diferenças cedem lugar àquilo que se pode chamar de convergência entre o Judaísmo e o Cristianismo, pois no geral a figura do FdH nos textos evangélicos denotam a participação do FdH nas cenas do juízo final.

Portanto, como conclusão provisória passível de aprofundamento, pode-se afirmar que a tradição da figura FdH, tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo ao redor do primeiro século da era comum, converge em um aspecto: o FdH é visto como um mediador celestial que tem uma função no julgamento final do fim dos tempos.

Referências

- EVANS, Craig A. **Noncanonical Writings and New Testament Interpretation**. Michigan, Hendrickson Publishers, 1992.
- CARAGOUNIS, Chrys C. **The Son of Man – Vision and Interpretation**. Tubingen: J.C. B. Mohr, 1986.
- COLPE, Carsten (כהן שרונה). In: FRIEDRICH, Gerhard (Ed.). **TDNT**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1979. Vol. VIII, p. 400-477.

- COLLINS, Adela Yarbro. The “Son of Man” tradition na the Book of revelation. In: CHARLES WORTH, James H. (Ed.). **The Messiah – Developments in Earliest Judaism and Christianity**. Minneapolis: Fortress Press, 1987.
- CORRIENTE, Federico y PIÑERO, Antonio. Libro 1 Henoch (Etiópico y griego). In: MACHO, Alejandro Diez (Ed.). **Apocrifos Del Antiguo Testamento**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984. Tomo IV.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico – A vida de um camponês judeu no Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago 1994.
- CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editoria Líber, 2001.
- FLETCHER-LOUIS, Crispin H.T. The High Priest as Divine Mediator in the Hebrew Bible: Dan 7:13 as a Test Case. In: **SBL Seminar Paper 36**, Atlanta: Scholar Press, 1977.
- ISAAC, E. 1(Ethiopic Apocalypse of) Enoch. In: CHARLESWORTH, James H. (Ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha – Apocalyptic Literature & Testaments**. Vol. I. New York: Doubleday, 1983.
- JUEL, Donald. **Messianic Exegesis – Interpretation of the Old Testament in Early Christianity**. Philadelphia: Fortress Press, 1992.
- KNIBB, M.A. The Date of the Parable of Enoch: A critical review, **NTS** 25, 1979, p. 345-359.
- MARSHALL, IHoward Son of Man. In: GREEN, Joel B. & McKNIGHT, Scot (Eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospel**. Downers Grove: Intervarsity Press, 1992, p. 775-781.
- MARTINEZ, Florentino García. **Textos de Qumran**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 60-61 e 381.
- MEARNS, C.L. Dating the Similitudes of Enoch, **NTS** 25, 1979, p. 360-369.
- METZGER, Bruce M. The Fourth Book of Ezra. In: CHARLESWORTH, James H. (Ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha – Apocalyptic Literature & Testaments**. Vol. I. New York: Doubleday, 1983.
- MILIK, Jazef T. **The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4**. Oxford, 1976.
- MOWINCKEL, Sigmund. **He That Cometh**. New York: Abingdon Press, 1954.

- OEGEMA, Gerbern S. **The anointed and his People – messianic expectations from the Maccabees to Bar Kochba**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998. Journal for the Study of the Pseudepigrapha – Supplement Series 27.
- PEERBOLTE, L.J. Lietaert. **The Antecedents of Antichrist – A tradition-historical study of earliest Christian views on eschatological opponents**. Leiden: E.J. Brill, 1996.
- SPARKS, Hedley Frederick Davis (Ed.). **The Apocryphal Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- SPARKS, Hedley Frederick Davis. **Apócrifos do Antigo Testamento**. Fortaleza: Nova Jerusalém, 1998. Traduzido e adaptado por C. M. de Tillesse.